



Lisboa Creche

JORNAL MINIATURA
OFFERECIDO EM BENEFICIO DAS CRECHES

A SUA Magestade a Rainha a Senhora Dona Maria II

Por *Arant' Louz* Editor

DIRECTOR ARTISTICO

Manuel Bonifacio Pinheiro

Numero Unico

DIRECTOR LITTERARIO

Américo de Sousa

ANO 1884 LISBOA 17-18-19 DE MAIO



PRBP/RES-67

LISBOA-CRÈCHE

Director artistico: Raphael Bordallo Pinheiro
Director litterario: Xavier da Cunha

COLLABORADORES ARTISTICOS

D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro — Alfredo R. Gameiro — Augusto Machado
Columbano Bordallo Pinheiro
H. Casanova — Luigi Manini — Manuel de Macedo

COLLABORADORES LITTERARIOS

D. Esther da Cunha Bellem — D. Guiomar Torrezão — A. M. da Cunha Bellem
A. M. da Cunha e Sá — D. Antonio da Costa
Antonio Ennes — Augusto Ribeiro — Brito Aranha — C. M. Fereal
Camillo Castello Branco — Christovão Ayres
Domingos Ennes—Duarte d'Oliveira, Junior—E. Barros Lobo—Eduardo A. Vidal
F. Gomes d'Amorim — F. Julio Borges — Fernandes Costa
Fernando Caldeira — Fernando Palha — Fernando de Vilhena — Ferreira Lobo
Francisco da Fonseca Benevides — Francisco Palha
Francisco Serra — Freitas Jacome — Gervasio Lobato — Greenfield de Mello
Guilherme Ennes — Guilhermino Augusto de Barros
Henrique Lopes de Mendonça — Ignacio da Silva — J. A. Ferro
J. C. Rodrigues da Costa — J. F. Garcia Diniz — J. T. de Sousa Martins
J. Curry da Camara Cabral—J. Gualberto Soares—J. d'Oliveira Ramos
João d'Andrade Corvo — J. Pinheiro Chagas—Jayme Victor
João Chrisostomo Melicio — João de Mendonça
João Tedeschi — Joaquim dos Anjos — José Antonio de Freitas
Julio Cesar Machado — Luiz Augusto Palmeirim
Luiz Guimarães — Luiz Jardim — Luiz Quirino Chaves — M. d'Oliveira Ramos
M. Pinheiro Chagas — Manuel Bento de Sousa — Manuel M. Rodrigues
Mimoso Ruiz — Moura Cabral — Oliveira Mattos
Pedro Videira — Ramalho Ortigão — Raphael d'Almeida—Ribeiro Gonçalves
Salomão Saragga — Thomaz de Carvalho — Tito Augusto de Carvalho
Ulpio Veiga — Urbano de Castro
Virgilio Machado — Visconde de Benalcanfor — Visconde de Castilho (Antonio)
Visconde de Castilho (Julio)
Visconde de Ouguella — Xavier de Carvalho

COLLABORADORES INDUSTRIAES

Illustrações a cores: — Justino Guedes, lithographo
Parte typographica: — O editor

An d'aulino
Cantiga

Aug Machado

Ref. n.º 7587

A KERMESSÉ

A *Kermesse*, — festa essencialmente flamenga, mas que tambem n'outros paizes do norte se encontra vulgarizadissima, — começou na sua simplicidade primitiva por ser apenas uma festa de egreja: a propria palavra o está denunciando na sua derivação (*kerk*, egreja, — e *misse*, missa). E' como se dissessemos: — uma egreja a celebrar a festividade do seu orago.

Depois, como complemento da festa religiosa, intraram accessorios de festa popular: danças, jogos publicos, profeições espectaculosas, barracas de feira, tavolagens e casas de comida, recitas improvisadas, fantoches, momices de saltimbancos, musicas e descantes, e muito folguedo, e muita alegria, e muita cordialidade, e muita confraternidade. Um arraial omnimodo!

D'est'arte os elementos accessorios acabaram por dominar e mesmo absorver o que no principio fora elemento principal, se não exclusivo. Hoje n'uma kermesse hollandeza a festa religiosa constitue apenas um simples episodio da grande festividade popular. O que prepondera sobretudo é o sentimento da nacionalidade a reverdecer alli periodicamente no respeitoso culto das suas velhas tradições.

Kermisse lhe chamam os hollandezes; *kirchmesse*, os allemães. *Kermesse* lhe chamamos nós em portuguez, adoptando a lição franceza do vocabulo. Mas a palavra ficará j'agora nacionalizada, como nacionalizada ficará a festa e para todo o sempre relembrada com o mais indelevel reconhecimento, desde que a Rainha de Portugal resolveu, em nome das *crèches* que tão desveladamente protege, implantar entre os arvoredos da sua régia residencia este fraternal convivio de todas as classes do seu povo, em prol de pobres creancinhas que ora desabrocham á luz da vida.

Herdeira das tradições gentilissimas que inforam a Casa de Saboya, a Princeza italiana que veio entre nós compartilhar o solio da dynastia de Bragança, offerece-nos uma brilhante renovação dos piedosos

exemplos com que nos fastos da caridade ficou inscripto o nome da sua virtuosa conterranea D. Mafalda, esposa do primeiro rei portuguez.

Similhanse áquella Beatrice ideal que

dentro uma nuvola di fiori

abre ao poeta da *Divina Comedia* as portas do Paraiso e lhe desvenda os mysteriosos esplendores do Emyreio, a Rainha de Portugal, verdadeira flor entre as flores, verdadeira rosa entre as rosas, descerra, ante os olhos de um povo que a estremece, os thesouros deslumbrantes do seu coração; e, ante as creancinhas que ampara, assignala em traços aureos nas paginas da Historia o significativo epitheto com que esse mesmo povo a aclama — *O Anjo da Beneficencia*.

N'esse brado entusiastico de devoção fervorosa toma respeitosa parte, e faz côco com todo o nosso paiz, a

Redacção da Lisboa-Crèche.

A CRÈCHE

A *crèche*: — um tepido ninho
 Todo formado d'amor!
 Onde as meigas creancinhas
 Revivem ao seu calor!

E' como um ceu constellado
 D'essas estrellas formosas!
 Onde sorriem os anjos!
 Onde florescem as rosas!

Gethe

Estremece de jubilo n'esta hora a alma das arvores da Tapada, como se nos troncos d'ellas estivessem suspensas as creancinhas para que a seiva do arvoredo as vivifique, o orvalho do Ceu as conserve, os passarinhos lhes fallem a trinaem e a brisa as embale, enquanto a piedade vigilante se surri para ellas...

S. C. C. C.

Nunca se elevam tanto os grandes e os poderosos, como quando se curvam para amparar a infancia e a velhice desprotegidas.

Frederico Schlegel

Em quanto os homens, com estudos e calculos, se dão a descobertas, muitas d'ellas inuteis e não poucas prejudiciaes; resolvem as senhoras, pela sciencia do coração, o problema mais util e mais verdadeiro — que dos prazeres da vida o maior é fazer bem. —

M. B. B.

Corazzi: — Dás 200 lettras, queres um artigo. Obra difficil com as lettras que eu tinha, impossivel com as que me dás. Medico, desejo nas *crèches* — entre tantos bens — a saude; e, n'este desejo, afogo a profissão. Ai! os collegas... devo justificar-me... faltam-me as lettras... vês?!

J. C. C.

Ora até que finalmente com bom senso houve um jornal! Não deixa espoujar-se a gente, e dá nectar excellente pelo fundo d'um dedal.

Corazzi

Em redor de um berço de criança ao desamparo tudo são trevas.

Desponta a *Crèche*: muda-se a noite em aurora gorgeara de passarinhos, rescendendo fragancias.

Esse Eden da infancia desvalida brotou — a um sorriso da Rainha — do sópro divino do amor.

V. de A.

Para alegrar corações nada ha como o sorriso das creanças; pois para dar saude aos campos o que ha melhor que o perfume das rosas?

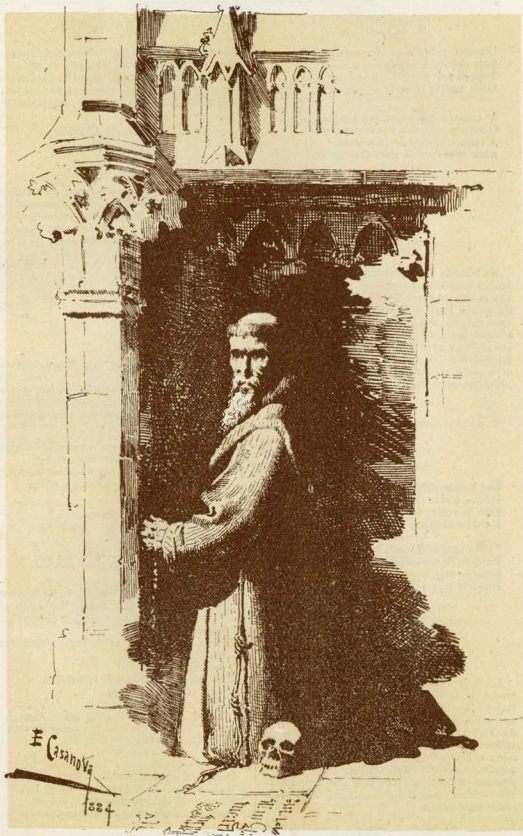
Q. J. B.

LISBOA-CRÈCHE



PAIZAGEM — Desenho original de MANOEL DE MACEDO

JORNAL-MINIATURA



O FRADE -- Desenho original de H. CASANOVA

A CRÈCHE

Creança, pobre e só, desprotegida,
Sem abrigo, sem pão e sem carinho,
Vaguêa pelo mundo e busca um ninho
Onde tímida esconda a triste vida.

A' creança que sofre, era indifrente
O mundo antigo, a fria humanidade...
A virtude christã ad innocente
Abre os braços da pura caridade.

J. de S. Carlos

FLORES

Na historia das Rainhas portuguezas, ha dois
lances gentilissimos em que entram flores com
um sancto perfume de caridade. Um lance é o
da sancta Rainha Isabel, mostrando a El-Rei o
ouro suspeito das esmolos convertido em flores.
O outro lance é o da virtuosa Rainha Maria Pia,
trocando as suas flores por ouro, para o dar ás
creancinhas que entram na vida desflorida por
uma porta insilveirada de espinhos, que a mão
providencial da excelsa Princeza vai cortando.

Camillo de Almeida

SURSUM CORDA

Dae largamente a piedosa esmola:
Porque a miseria é que assassina as mães,
Fêre as creanças que o luar consola
E rouba ás almas luminosos bens.

Venho saudar o vosso feito santo:
Dar pão ao orphão, luz á creancinha.
Bemdito seja quem enxuga o pranto!
Bemdito seja a vossa acção, Rainha!

Rosario de Carvalho

As duas Kermesses

Até hoje Lisboa nunca viu senão uma Ker-
messe, a de Gounod. Hoje vae ver outra, a da
Rainha. Entre ellas, porém, ha uma differença
essencial. Na de S. Carlos predomina o espirito
do Mal encarnado no personagem sinistro do
sarcastico Mephistopheles, na da Tapada predomina
o espirito do Bem encarnado no personagem
risonho da formosa Rainha: n'aquelle, o
protagonista é a eterna treva, a treva implacavel
— Satan; n'esta é a eterna luz, a luz uber-
rima — a caridade.

Francisco Lopes

REGINA MATER

Como nos deu Jesus no rir das creancinhas
Lençol para enxugar as lagrimas de mãe,
Tambem nos deu em vós — modelo das Rainhas,
Esse segredo bom que alegra as andorinhas,
E ás mamans e aos Bebês força a sorrir tambem!

Francis de Sá

Póde ser que a nossa essencia se occulte de
todo na sombra, póde ser que haja só abismo
sem haver luz, póde ser que se ame uma só vez
e que não haja amores eternos além da campá,
póde ser que o dualismo do céu e do inferno
seja tudo mentira; mas quem póde negar o dog-
ma de uma instituição divina, a caridade, a
afirmação do dualismo do mal e do bem!?

S. Soares

O amor disse á mulher: «Darás conchego aos
filhos.»
Diz a pobreza ao amor: «Trabalha, boa mãe.»
E a caridade então, fulgindo em novos brilhos,
A crêche faz surgir, — materno amor tambem.

E' livre a pobre assim para o trabalho honrado;
A prole já tem ninho, affectos e calor;
A crêche é um sacrario, aos filhos consagrado,
No templo maternal de caridade e amor.

Antonio de Almeida

ESPERTEZA DE RATO

Na exposição de Rosas que deve ter logar em
maio, ha um premio para a Rosa que ainda não
tenha sido apresentada nas exposições hortícolas de
Portugal.

Ora, a leitora quer saber como obtem esse
premio?

E' facilimo.

Exponha a Rosa... a Rosa nautica.

Porto, 6 d'abril de 1884.

Sto. Henrique

Rompeu a madrugada. A aurora rubicunda
Do leito festival desprende a flor da luz;
E a flor, ao espargir as petalas a flux,
Em ondas d'alvorada a natureza inunda.

Porto.

Sto. Henrique

As creancinhas que a vossa beneficencia, a virginal maternidade do coração, agasalha nas crêches, supplicam-vos, Senhoras, que as não orphanéis da meiga protecção quando amanhã a miseria as escravisar ao trabalho da fabrica, que atrophia o corpo, ou as alugar á mendicidade, que desmoralisa a alma. Guie a vossa bendita caridade a justiça do Estado!

Antonio Lemos

Parece ás vezes que, ao romper a senda
Nas trevas da existencia a sombra errante,
Fulge no ádito a fatal legenda
Que em estranhas visões sonhou o Dante.

Mas da Piedade a virginal figura,
Que tem do amor materno a graça austera,
Ao que chega entre lagrimas, murmura
Com sorriso ineffavel: *crê e espera!*

José Tedesco

As densissimas trevas dos tempos medievaes dissiparam-se perante a deslumbrante aurora da Renascença. O que o homem muitas vezes julga ser a corrupção, o virus do contagio e da morte, é isso mesmo que, no labor incessante e maravilhoso da natureza, prepara luminosas transformações, que nos conturbam e assombam.

Vincent de Lygella

Tem do lyrio a pureza e a magestade,
Da violeta os perfumes e a candura;
Ampara o pobre, o naufrago, a orphandade;
Tem da esmeralda o brilho e a formosura.

O seu nome é dulcíssimo — Maria —
Na dor consolo e luz na escuridade;
Este norte que as almas tristes guia,
E' o anjo, a Rainha, a caridade!

Francisco José

ΧΗΛΟΝΙΑ:— Ha quinze dias que o meu filho é morto;— que são mortos os meus amores, os meus orgulhos, as minhas energias,— todo o meu ser. E reflecto a espagoes, em guarda contra o desespero:

—E' necessario, é necessario não pensar mais n'elle...—

Mas,— Deus meu! — eu não poria o meu filho fóra do meu lar, e hei-de,— ferocidade suprema,— pôl-o fóra do meu pensamento!...

J. Clapton de

(Beldemonio)

A Sua Magestade a Rainha

SENHORA DOÑA MARIA PIA

Houve já entre nós uma princesa
Que em perfumadas rosas transformava
As occultas esmolas, em que dava
Alentos á miserrima pobreza.

Vós, Senhora, seguindo-lhe o exemplo
Se não fazeis das rosas o milagre,
Conseguis que á virtude se consagre
Em cada coração modesto templo.

Luiz Augusto de Barros

A CRÊCHE

A crêche, a doce e querida inspiração, suggerida de certo á cabeceira de um berço, no divino sacratio de uma alma de mãe, nascida da iniciativa d'este seculo que baniu o sentimento e decretou o egoismo, lembra-me a nymphæa, abrindo a sua urna de prata, de uma alyura immaculada, na face livida do paul.

Guilherme Torres

SINITE PARVULOS...

Dos labios infantis candida e pura
Desliza-se a verdade como neve.
Assum diz o Evangelho e Deus prescreve
Que as creanças tratemos com ternura.

Pois Jesus, que é dos debeis e franzinos
Lume consolador, eterna chamma,
Quando os grandes humilha, logo clama:
•Oh! deixae vir a mim os pequeninos. •

J. de S. S.

A oração é o maior alivio do homem na terra. São infelizes todos os que não sabem ou não podem orar! Quando a desgraça nos bate á porta, quando a Providencia nos fere com uma d'essas grandes calamidades, que opprimem e abatem os mais fortes, a nossa alma sente-se animada ao voltar-se para o ceu, esperando de lá o remedio para as suas dores! E' pela oração que o homem se eleva da terra ao ceu; é pela oração que o homem conversa com Deus!

J. de S. S.



A TARANTÈLLA

As nove horas da noite, no terraço de hotel Trasmonte, em parte escurcello pelos grandes platanos, em ténue illuminado pelos raios da lua, surtiu a tarantella.

Era de duze figuraz, seis homens e seis mulheres, trajando á maneira dos pescadores napolitanos, de Sorrento. Elles, de barrete vermelho, camisa branca e calção verde com seus botões amareillos, desaperleto; ellas, de saia violetta, avental branco, jaqueta vermelha agalofada, flocos, de cintas de côr. Eram os rapazes, solertes, bon pastos e vidicos. As raparigas, demoghas, mas compostas nos trajos e nos maneiros.

Escondidos nas sombras do arvoredo, junto ao parapetto do atrio, se lhos musicos, desdobravam a tarantella em notas harmonicas, que incitavam os passos allegres da dança. A lua tingia de branco os dois grandes arcos do palatio Trasmonte; e as quatro colunas da casa de Cornelia, a irmã do Tasso, pareciam reevistir a gravidade attenta do quem escuta.

A dança popular dos napolitanos, as canções, com que entreteem a tarantella, teem alguma coisa, teem muito, teem tudo da sua vida e dos seus costumes.

Entretemos na via Bixia-mota, fund estrello, repleto de sons, de gritos, de ruídos e pregões.

De ambos os lados da rua, fora das casas, estão as lojas cobertas de toldo, orladas de festões de murta, brilhantes de metaes reluzentes, onde ao lado das pernas de vieilla e carneiro pendem, dos cordões dos toldos, lenços que seccam ao sol, e frangas, que matizam pelas cores diferentes os festões vendeados e os tons sanguineos dos pedaços de rezes mortas.

Por detrás das frinetas, dos peixes, dos queijos penfurados, de Sorrento, que teem a forma das cabegas dos antigos pecheiros, destaca a figura alegre, volavel, e gesticulada, da vendeadora.

São descontinuar o que está fazendo, sem cortar o fio da conversa, que vai dialogando, sem levantar os olhos da faveira da creação, que está pensando, ou do camellio, que amamenta, faga; em tres notas vivas e de vogues abertas, como o estalido de umas castanholas, o seu prego, que vai, misturando-se com milhares de outros, completar a vaga enorme de sons diversos. É uma oada do genio viva, animada e ruidosa, que tem o seu bramido immenso como o do mar encapellado; e, no fundo das aguas, como o Mediterraneo, um mundo inteiro de outros seres irrequietos, mais pequenos, que passam através das pernas da bulhosa turba, ou rolam sobre as folhas das hortaliças e legumes, que jucam as pedras;... e brinçam no claro escuro das vieillas, que dão respiradouro á rua, de guerra com o burro, o animal sympathico e activo dos napolitanos, ou o gão, o seu companheiro infeliz e mal compreendido.

Agora vê-se a tarantella. Aquelle primeiro, succedido do lado dos homens, que dirige a dança, agita na dextra um largo pandeiro tolorrino, e corre-lhe na pelle de chabalio, sonora e frumante, o dedão pollegar da mão esquerda. O segundo sacode com ambas as mãos enroucos castanholas, truda-jalinos, que parecem duas ferreiras, batendo tipo o uma bigorna. O terceiro solbraca á cantua um tabo de latho, coberto de pelle de vitello, e com a dextra introduzindo e tirando o arificio central do pelle uma cauda de ligada, n' esta evolução, proz o som cavo de um enorme rabecio, ou o da roneca alentejana. E o capo-capo. Os outros tres homens cantam, e as seis mulheres que dão a replica em passos de dança, saem acima das cabeças as castanholas vestefolias, com filas de côres, e por vezes, em posições engraçadas, desdobram rapidamente faixas victosas de seda, que parecem galhar-betes de navio agitados pelas brizas do Tyrrheno.

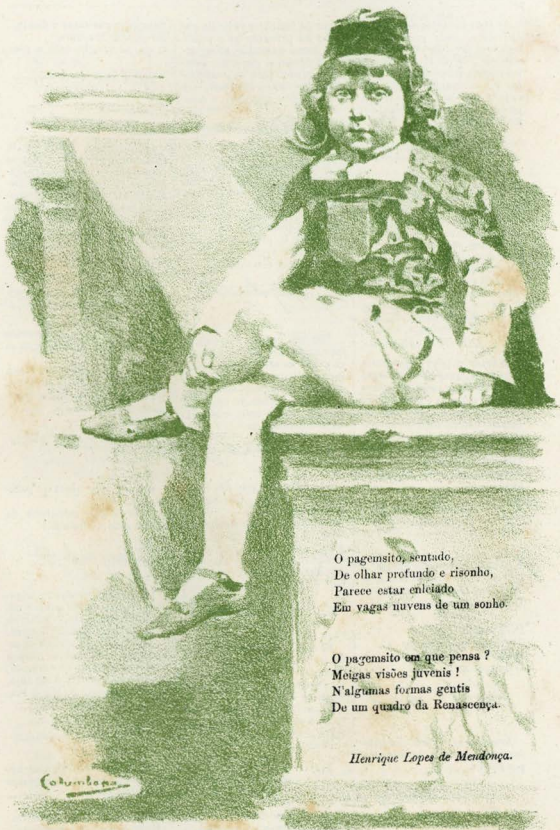
Os passos e os gestos dos pares da tarantella; as canções que tem a cadencia de um leureo, que se balouca nas aguas; o ruido estridente do pandeiro, a voz cava da roneca, e o arrastellar secco da gongueira castanholas; tudo isto claudencia acima da harmonica mandolina, do grave violão, e da rebeca sentimental, tudo isto, repito, que é mistura de canto a dança, é como a vida de Naples entre o golpho e os Appenninos, uma grande comedia com tres actores:—o sol, a musica e o mar!

(Sorrento, 14 de junho de 1883).

A TARANTÈLLA — Desenho original de RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Luiz Sandring

JORNAL-MINIATURA



O pagensito, sentido,
De olhar profundo e risonho,
Parece estar enleado
Em vagas nuvens de um sonho.

O pagensito em que pensa ?
Meigas visões juvenis !
N'algumas formas gentis
De um quadro da Renascença.

Henrique Lopes de Mendonça.

Ao lado de tantos escriptores distinctos, nada pode o meu nome em favor de tão santa instituição. O obolo de quem é pobre pela intenção apenas vale. So eu ganho, porque, de envolta com os ricos de talento, participei das benções dos innocentes.

António de S. Paulo

Se a epocha que vai correndo tantas creanças tem apagado, privando muitos do estêo da fé, seja-nos conforto, e remissão, a sublime caridade, que, nas suas multiplas formas, a todas as miserias procura acudir, e todos os infortunios busca suavisar.

Francisco de Sousa

D'antes o povo reputava-se nobilitado, quando se abeirava dos reis; hoje os reis sentem-se tanto maiores e mais dignos da ardua missão que lhes incumbe, quanto mais se approximam do povo. A festa das Crêches é mais uma prova d'esta evolução salutar que vae transformando as sociedades modernas.

Christiano de S. Paulo

E pedem-me em oito linhas
Que eu conte singelamente
Todo este brado eloquente
Que se ergue pelas creancinhas.

Para isso fôra mister
Traçal-as pelo infinito;
E não teria descripto
O coração da mulher!

Joaquim de S. Paulo

APHORISMO.— Para escrever conciso é necessario escrever por bitola.

Joaquim de S. Paulo

Em duas virtudes tem de basear-se a sociedade nova:—

amor da familia e culto da patria; no primeiro ha a moral que forma o cidadão, no segundo o heroismo que firma a nacionalidade. Para as evangelisar o apostolo é a mulher,— e o maior dos apostolos, a mãe.

J. C. de S. Paulo

A creança desamparada, sem arrimo, sem familia, sem futuro, tem ante si a escuridão do abysmo. A caridade, que a encaminha, illumina-lhe a existencia; a crêche, que a ampara, substitue a mãe, a familia. Abençoadas sejam as escolas destinadas a esse fim!

António de S. Paulo

Dar aos pobres é restituir-lhes uma parte do seu patrimonio, que os erros das gerações lhes arrebataram. E' por isso que, nas sociedades modernas, a caridade deixou de estabelecer uma divida entre o benefactor e o beneficiado.

António de S. Paulo

As corôas dos reis são,— como a do Christo!— acerbas corôas d'espinhos.

E quando os reis passam na terra, entre a Caridade e o Amor,— as suas corôas transformam-se depois lá nos céus em luminosas corôas d'estrelas!

António de S. Paulo

Flores, abrindo em corollas de luz, alegraram o berço das creanças. A crêche fez-se ninho, e tiveram mães n'esse dia os filhos da desventura.

O' mulheres, ó mães! quanto ha a esperar dos milagres do vosso amor!

António de S. Paulo

Quiz o artifice divino
Que a providencia, amorosa,
Dêsse o orvalho matutino
A toda a flor sequiosa;
E que, em quanto pequenino,

Sempre encontrasse o menino
No coração feminino
O que no orvalho acha a rosa.

António de S. Paulo

NA CRÊCHE

O' vergontea gentil que te embalas docemente á aragem vivificadora das brisas da Compaixão: Se um dia, na exuberancia da tua virilidade pujante, quizeres perscrutar a mercê providencial da seiva que te robustece o sêr, pergunta á CARIDADE quem te nutriu, interroga a RAÍNA quem te velou!

António de S. Paulo

A crêche é o seio exuberante onde os pequeninos mitigam as primeiras sêdes.

Cada gota que deriva é uma lagrima da commoção de Deus.

Deixai-os beber essas lagrimas.

António de S. Paulo

Crêche! Que adoravel gallicismo!
Podera! Um gallicismo de um coração... de mãe!

António de S. Paulo

Do seio dos grandes cataclysmos sociaes surge sempre um elemento muito mais extraordinario, que os domina e vence. — Dos dolorosos soluços da orphanidade e da miseria rompeu a aurora festival da caridade, envolta nos sorrisos d'um anjo, que tem o nome de Maria Pia. Aveiro—Abril de 1884.

António de S. Paulo

Dir-se-hia inspirado na hygiene das crêches o seguinte proverbio persa:

«Casa em que o sol não entra
Muito o medico a frequenta.»

António de S. Paulo

REGINA

Me quoque..... fortuna.....
Jactatam hac demum voluit consistere terra.
Non ignara mali, miseris succurrere disco.

Theresa d'Almeida

JUIZO FINAL

—*Eu cantei*, disse chorosa a cigarra.—*Eu poupei*, disse a ávida formiga. E Jehovah disse:—*Escondam-me n'um buraco do chão esta gorda capitulista! dêem umas asas, e ponham triunphante ao sol, n'uma olaia em flor, essa pallida cantadeira!*
Moralidade: *E' melhor consolar que enriquecer.*

Manuel Artigues

DUAS MÃES

Silvia — a opulenta — exclama anciosamente:
— Oh Deus! fazei d'este menino airoso
O mais perfeito ser e o mais glorioso
Que haja creado vossa mão potente.

Martha — a engeitada — diz timidamente:
— Oh meu Senhor! O filho desditoso
De minha entranha dolorosa e ardente
Fazei humilde, pobre e generoso.

Luiz Guimarães

Com razão disse S. Antonio que mais valia um dinheiro tirado do pouco do que um thesouro tirado do muito. Tem muito que ver, na verdade, dar um pobre tudo que tem só pela satisfação de dar alguma cousa. E é bem que se saiba e se divulgue, escreveu o grande Bernardes, esta doutrina tam mal acceita do mundo:— que os pobres tambem hão de dar conforme podem.

Agostinho

A CARIDADE

Dizem que é providencia, esmola, esp'rança, luz,
O mais brilhante sol da triste humanidade!
N'um suspiro d'amor, o Verbo de Jesus
Sagrou-a — flor do bem — chamou-lhe Caridade!

Coimbra — Abril de 84.

Alcides de Castro

A CRÈCHE

E' monumento, que bem vivo allude
A dois obreiros, filhos da verdade:
Traçado pelo mestre da virtude,
Erguido pelas mãos da caridade!

Ficou, pois, um conjancto, um doce misto
Dos risos e revêrberos divinos,
Que na fronte e nos labios tinha o Christo,
Ao dizer: «Vinde a mim, oh pequeninos!»

Ulpio Nogueira

O cerebro d'um paiz é a sua capital. Lisboa deu, no preterito, um mundo á civilização. No começo do futuro seculo dar-lhe-ha um emporio commercial, um paraizo; será a maravilha do Occidente. As grandes obras municipaes, porto, pharoes, vias-ferreas, jardins, museus, movimento postal e maritimo, prenunciam sua grandeza futura.

Justino de Aguiar e Sousa

A CRÈCHE

Berço d'affectos, escola de mães

O lar é todo affecto; alegria d'elle o filho que sorri. Sorriem bênçãos no labor honesto, desde que, amparado o filho, a lida seja auxiliada assim.

Assim?!... Eil-o bem perto; é alli; por vós, em quanto a lida vos prende longe, do innocente cuidarão affectos.

Alfredo de Aguiar

Porem elle a pobreza, a desolada
e triste esposa amou, a quem a terra
a porta das delicias tem cerrada.

(Dante — Paraizo).

Francisco Soares

LISBOA-CRÈCHE



ARCHITECTURA — Desenho original de LUIGI MANINI

JORNAL-MINIATURA



NO POÇO DO BISPO — Desenho original de ALFREDO R. GAMEIRO

VOX DEI

«Quem podera ler a sina,
 «ò filha, que Deus te deu...
 «Ensina-me tu, ensina
 «a ventura mais divina,
 «que eu pedir possa, Deus meu...»
 N'isto assoma entre a cortina
 do seu berço a pequenina
 a gorgear «Mamá, sou eu...»

Manoel de Castro

São João de Deus, portuguez e plebeu, fundou os Hospitales; D. Leonor, rainha portugueza, iniciou as Misericordias. São as duas mais brilhantes manifestações da caridade. Conservámo-nos intactas estas tradições; ahí estão hoje grandes e pequenos acudindo á porfia ao chamamento do que não tem.

Manoel de Castro

Tergere il pianto, allá sventura, al lutto
 Stender la mano, è tuo retaggio, Augusta:
 Degli infelici innocui pargoletti,
 Cui triste fato a tetra via segnava
 Fin dalla cuna, con gentile idea
 Alla festa benefica c'inviti.
 Doniamo a piene mani: e tu che doni,
 Se la prece dell'orfano non basta,
 Mercè più grande, all' Augusta Regina,
 Domanda un fior, un guardo, ed un sorriso.

Fernand

Diz a lenda que se transformavam em flores as moedas que Santa Izabel, Rainha de Portugal, repartia pelos pobres. A Senhora D. Maria Pia, tambem Rainha de Portugal, transforma as flores em moedas para as creancinhas sem amparo.

Massillon dizia que estas flores semeadas na terra desabrochavam no ceu; e nós diremos que são tambem os verdadeiros diamantes da Coróa que as revoluções não podem destruir.

Coimbra.

Luiz de Almeida

Abril envia á festa as suas rosas,
 As deusas os seus finos diademas,
 As aves e os poetas seus poemas,
 O sol o seu brilhante rosicler...
 Mas... pedrarias, cantos e grinaldas
 Quão pouco valeria á caridade,
 Se essa outra primavera — a mocidade...
 Não sorrisse d'uns labios de mulher.

Manoel de Castro

REGINA

Os filhos de teu povo, em cantos de alegria,
 com tua régia mão, nos berços acalentas.
 Ah! possam elles sêr a geração que, um dia,
 nos braços seus ampare,— em nome de Maria,—
 aos filhos de teu filho o throno em que te sentas.

Manoel de Castro

A LUZ DA CARIDADE

As lagrimas das Heliades, as filhas do Sol, pranteando a morte de Phaeton, converteram-se no ambar, onde foi descoberta a electricidade. Decorridos 26 seculos, a sciencia, como se confirmasse a poetica versão mythologica, suppõe que a «electricidade deriva do Sol e é uma das formas d'energia, em que elle dá ao mundo o movimento e a vida!

Ha no mundo um outro sol mais radiante: chama-se elle a caridade, quando á similhaça do fluido electrico despreza o espaço e o tempo, e, transpondo todos os obstaculos, inunda no clarão de seus raios os vastissimos campos da indigencia!

Virgilio

O ASYLO, A CRÈCHE E A ESCOLA

A crèche! o asylo! a escola! O' magica trindade, que as creanças chamais, como as chamou Jesus! «Sou ninho maternal!» diz o asylo á orphanidade; e á mãe que estende o filho a tremer de anciedade a crèche: «Eu sou o amor»; e a escola: «Eu sou a luz!»

Manoel de Castro

Se os abastados da fortuna pensassem a serio na desgraça humana, os pobres teriam tecto protector.

Intenta a sociedade de hoje minorar o infortunio, amparando já as tenras creancinhas.

Bem haja!

Manoel de Castro

A festa das creancinhas é a festa das mães.

Brilhantissima será pois a Kermesse em que uma Rainha que é mãe festeja os seus pequeninos vassallos pobresinhos, dando-lhes o berço o conforto de que se viram ermos logo ao romper da sua aurora.

Manoel de Castro

Antes da creche, a beneficença tinha so duas portas para a infancia desvalida; por uma entravam os orphãos, pela outra os engeitados. Eram ambas estreitas e tristes!...

D. Maria Pia institue creches; — a Misericordia seria obra sua, se o não fora já d'outra rainha.

Fernando Lobo

A caridade veio do Céu para satisfação de Deos e alivio dos pobres. Os que praticam na Terra este sancto preceito são fieis executores da vontade divina.

Victor Jacome

AS CREANCINHAS

Ao ver-se uma ceara ninguem affirmará se sai barata ou cara, ou que sementes dá.

Tambem nos pequeninos ninguem pode suppor se os risos contêm hymnos ou presagiam dor.

Raphael Bordallo

Supponhamos que a humanidade se convença um dia que a arte, a sciencia, a philosophia, a religião, não são mais do que vaidades e illusões; ainda assim nunca o homem cessará de praticar o bem, porque é de todos os sonhos aquelle cuja recordação mais o consola na hora derradeira.

Alfonso Souza

A CRECHE

Esta poetica e utilissima instituição, que nenhuma philosophia ousa condemnar, que todas as crencas religiosas santificam, ha de radicar-se na sociedade portugueza, porque broton d'uma idea altamente civilisadora, moral e humanitaria.

Albino Gonçalves

CARIDADE

Eit-a l a ardente CARIDADE
Que sobre a infancia derrama
Aquella pròvida chamma
Do mais desvelado amor;

O seu sorriso celeste
Dissipa os negros horrores;
Surgem mais vivas as flores
Ao seu olhar seductor.

Joaquim de Aguiar

D'antes a realeza em Portugal, se com uma das mãos estendia o obolo consolador, tinha com a outra de empunhar o gladio justiceiro. Hoje, — abençoado progresso! — já não empunha o gladio, e por isso bem se vê que tem para a caridade livres ambas as mãos.

Alfonso Souza

Se é certo que a mão esquerda deve sempre ignorar o que dá a direita, façamos agora excepção a esse preceito, e concorrámos com ambas por igual para a festa que ás innocentes creancinhas dedica a solicita Associação das Creches.

Alfonso Souza

O pae jazia ali entreado; a creança chorava no berço; a mãe não podia sair para o trabalho.

Entrou um vulto formoso; olhou meigamente para o pae, abriu os braços para a creança, e apontou a mãe o caminho da fabrica.

E a mãe perguntou-lhe, chorando: Quem es? — E o vulto respondeu-lhe, sorrindo: A Caridade.

Alfonso Souza

Mimos e caricias são, desde que ha mundo, o segundo leite das creancinhas. Amamenta-

se-lhes a alma com festas, como se lhes amamenta o corpo com leite.

Ainda antes da escola, que é o primeiro carcere, está para os pequeninos do povo a creche, que é a primeira caricia.

Bem haja quem assim illumina com um sorriso, todo elle affecto, o limiar da vida do pobre!

Raphael Bordallo

Segundo a mythologia grega, onde passasse uma divindade olympica, ficavam-lhe effluvis ambrosiacos denunciando o rasto. A Rainha D. Maria Pia tornou plausivel aquelle mytho; onde ella apparece, irradiam ineffaveis os perfumes da caridade.

Raphael Bordallo

Explicação e agradecimento

Quando para cada artigo dos collaboradores, que me coube a honra de convidar, ousei solicitar um prazo determinado e o limite maximo de 8 linhas (com 25 letras cada uma), tive em mira associar no estreito campo d'este jornal-miniatura o maior numero possivel de nomes notaveis. Alguns, olvidando a razão do meu pedido, alongaram-se na redacção de seus artigos; outros so tarde appareceram; d'aqui resultou que de muitos impossivel se tornou aproveitar a amavel collaboração. Sirva isto de explicação e desculpa. A todos agradeço pehoradissimo (tanto escriptores, como artistas e industriaes, entre os quaes especializarei os nomes de Raphael Bordallo Pinheiro e Justino Guedes) a boa vontade com que me coadjuvaram no desimpinho d'esta missão, proporcionando-me o ensejo de poder beijar as mãos a Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia, pela graça e merec allissima que me fez de aceitar em beneficio das Creches esta minha offerta.

O Editor

Daniel Langy

LISBOA-CRÈCHE



Avesinhas engeitadas
esvoaçavamos perdidas;
nossas lastimas sentidas
acolheu-as o Senhor.

Caridade, oh! sê bemdita,
que assim dás á infancia afflicta
lar, sustento, ensino, amor!

A. F. COSTA

Maria Augusta BORDALLO PINHEIRO

